

Gramsci, feminismo e hegemonia: uma análise

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos
Ana Cristina Franzin Yamashita

Como citar: PASSOS, R. D. F.; YAMASHITA, A. C. F. Gramsci, feminismo e hegemonia: uma análise In: BRABO, T. S. A. M.(Org). Direitos Humanos, gênero, cidadania e educação. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 297-316. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-279-6.p.297-316>



GRAMSCI, FEMINISMO E HEGEMONIA: UMA ANÁLISE

*Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos*¹

*Ana Cristina Franzin Yamashita*²

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco a elaboração original de Gramsci sobre temas relacionados de forma direta à hegemonia e, como desdobramento, aspectos que tangenciem o feminismo e o gênero. O objetivo é abordar prioritariamente elementos da sua produção carcerária nos *Cadernos Carcerários 21*³ e *22*⁴ (este último, conhecido como “Americanismo e

¹ Professor da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Unicamp. ORCID: 0000-0002-5542-2812.

² Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista, campus de Marília.

³ Conforme a cronologia de Gianni Francioni (1984, p. 145), o *Caderno Carcerário 21* foi escrito provavelmente entre fevereiro e o final do ano de 1934. Trata-se de texto tipo “C” que tem como correspondente texto “A” o *Caderno Carcerário 3*. Sobre a tipologia dos textos “A”, “B”, “C” dos *Cadernos Carcerários*, consultar a nota de rodapé 2.

⁴ De acordo com a periodização de Gianni Francioni (1984, p. 145), o *Caderno Carcerário 22* foi escrito provavelmente entre fevereiro e março de 1934. Conforme a *Edição Crítica dos Cadernos Carcerários gramscianos* (GRAMSCI, 1975) organizada pela equipe de pesquisadores de Valentino Gerratana, os trechos a serem analisados neste texto do caderno referido são classificados como “C”, isto é, de segunda redação. De acordo com a classificação empregada em tal edição crítica, Gramsci teve textos de primeira redação, classificados como “A”, reescritos com ou sem alterações que foram catalogados como “C” e de redação única tipificados como “B”. Os trechos aqui analisados do *Caderno 22* tiveram sua versão “A” – de primeira redação - escrita no *Caderno 1*.

Fordismo”), aspectos biográficos relacionados ao tema, bem como das cartas também escritas na prisão. Justifica-se o escopo e o intento pretendidos em vista da necessidade de apresentar uma contribuição que apresente em termos teórico-metodológicos a categoria de hegemonia e a análise sobre o feminismo em termos mais rigorosos, resgatando as formulações originais do comunista italiano sobre o tema.

Assim, o artigo versará sobre dois pontos principais: uma análise à luz das formulações de Gramsci nos cadernos e cartas carcerários e algumas das interpretações mais relevantes nos temas do gênero e feminismo da literatura pertinente mais recente, apresentando aspectos elucidados a partir dos escritos originais de Gramsci. Fundamentalmente, a questão central deste texto é a seguinte: como se relaciona a perspectiva gramsciana da hegemonia com a elaboração do autor italiano sobre temas hoje classificados como pertencentes ao feminismo e à questão de gênero? Dois argumentos aqui são importantes. O primeiro dá conta de que o temário afim ao de gênero e ao feminismo é tratado por Gramsci como “questão sexual” em função do contexto altamente repressor e disciplinador da libido dos trabalhadores durante a emergência do fordismo no início do século XX, ponto que se relacionava fortemente à temática feminina. Como ressalta Galastri (2009, p. 8), objetivava-se inibir tudo aquilo que seria considerado mais danoso à energia nervosa de um trabalhador na sua rotina diária integral de trabalho mecanizado. Desta forma, o trabalhador teria que se postar sexualmente de forma monogâmica. Ainda assim, concorda-se, ao menos em parte, com o que ressalta Adam David Morton (2007, p. 114): as temáticas do gênero e do feminismo são inaccuradamente abordadas por Gramsci em 1932 como “questão sexual”⁵.

Em função dos limites de espaço e da delimitação para este texto, abordar-se-á na presente reflexão apenas os textos “C” dos cadernos carcerários sobre o tema do gênero e do feminismo. Todos os textos “B” e “C” da edição crítica organizada por Valentino Gerratana foram contemplados na edição organizada e traduzida por Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira (GRAMSCI, 2001 e 2002), que servirá de base majoritariamente para o texto ora apresentado para as traduções dos textos “C”, justamente aqueles que são contemplados nos *Cadernos Carcerários* organizados em 6 volumes e publicados no Brasil. A tradução de textos “A” não foi incluída na edição brasileira referida.

⁵ Para o enfoque pioneiro a respeito de gênero, consultar RUBIN, 1975. Para uma discussão substantiva das várias possibilidades de abordar a categoria em questão, consultar: (SCOTT, 1986). Não se pretende incorrer em anacronismo com o pensamento de Gramsci ao compatibilizar a categoria de gênero com seu aparato teórico-conceitual. Ao contrário, buscar-se-á mostrar mais adiante neste texto que seu pensamento possui aspectos metodológicos historicistas que justificam tal compatibilidade.

Isto se deve muito provavelmente por conta dos limites históricos, textuais, linguísticos e intelectuais do contexto de sua vida e de fontes da formação de seu pensamento, embora o termo “feminismo” apareça, nos *Cadernos Carcerários* seis vezes (GRAMSCI, 1975, p. 130, 902, 1792, 2160). Os significados presentes nas referências citadas aludem de forma irônica e pejorativa, contrária a qualquer perspectiva emancipadora da mulher, e a passagens da história italiana na unificação nacional e da literatura da península, sem maior profundidade e caráter sistemático, como se configura de resto em maior ou menor grau toda a escrita prisional gramsciana. Exemplificando com um dos trechos de ocorrência com sentido irônico, Gramsci se debruça sobre as análises de Pietro Tonelli sobre o papel das mulheres, entendendo exatamente o contrário do sentido do feminismo. A propósito de tal análise Gramsci (2001, p. 262) escreve: “[...] deve-se destacar a tendência antifeminista e ‘machista’ que “[...] deu lugar a desvios mórbidos, ‘feministas’ no sentido pejorativo da palavra” . Em que pese tal ressalva, é provável que Gramsci tenha preferido a expressão “questão sexual” para se diferenciar, por exemplo, dos enfoques por ele criticados. Gramsci não tratou de tal tema com fluência, dado o já ressaltado caráter fragmentário, inconcluso e assistemático de sua obra carcerária.

Em função de tais advertências, recorre-se a um recurso metodológico do próprio Gramsci, a “traducibilidade” ou “tradutibilidade” ou simplesmente “tradução” – sobre o qual será tratado mais adiante –, e far-se-á uma tradução contemporânea da “questão sexual” para o âmbito do feminismo e do gênero. Da mesma forma que Gramsci sustentou o historicismo de suas categorias – em sentido de dinamismo, conflito, transformação acuidade com a significação e ressignificação dos conceitos em face das inúmeras possibilidades de transformação em termos culturais, sociais históricos, etc - argumenta-se que o dinamismo histórico das lutas feministas - e do uso de tal terminologia – e do mesmo dinamismo para a construção social, cultural, histórica etc. de gênero justificariam sumariamente a abordagem aqui pretendida.

A hipótese a ser desenvolvida aponta uma contradição na obra carcerária gramsciana, considerando tanto seus cadernos como suas cartas.

Por um lado, a enorme amplitude da categoria de hegemonia na obra gramsciana permite a avaliação da necessidade da construção de uma nova visão de mundo que incluiria um novo papel e contexto social para as mulheres. Ponto, portanto, coerente com a sua visão de emancipação feminina. Mas por outro lado, possibilita, de certa forma, situar o próprio autor como partícipe da própria hegemonia que ele pretende superar na medida em que ele partilha juízos que, de certa forma, corroboram a visão de gênero dirigente sobre as mulheres. Ou seja, aquela perspectiva de uma hegemonia masculina, que vê o papel da mulher de maneira socialmente depreciativa, entre outros pontos correlatos. Com isto, não se pretende sugerir que este – o aspecto referente ao gênero - seja o único componente do viés gramsciano de hegemonia.

Na acepção gramsciana, entende-se a hegemonia como uma concepção dirigente de mundo a partir da sociedade civil⁶ por uma fração de classe, elite ou grupo combinando força e o predomínio do consenso nos âmbitos moral, intelectual, cultural, ético-político, econômico, social, ideológico etc.⁷ Na acepção gramsciana, há a unidade orgânica de força e consenso em diferentes graus em toda e qualquer ação política⁸ e em todos os contextos hegemônicos. Na hegemonia, em sua forma completa e plena, predomina o consenso, o caráter dirigente (GRAMSCI, 1975, p. 1578-1589). Como adverte Adam Morton (2007, p. 114), a categoria gramsciana de hegemonia filtra através das estruturas sociais aspectos referentes à economia, cultura, gênero, etnicidade, classe e ideologia. Estas seriam algumas das particularidades da definição gramsciana de modo geral. Ou seja, uma categoria de perspectiva múltipla, sem o predomínio de dimensões como a cultura ou a política ou a economia, válidas para se avaliá-la não de forma isolada. Uma perspectiva isolada da hegemonia serviria apenas como um recurso metodológico, didático em vista da totalidade orgânica dos aspectos que a compõe. Este caráter múltiplo e de

⁶ Sobre a unidade orgânica entre Estado e Sociedade Civil na acepção gramsciana, com a separação entre tais conceitos aceitável somente em uma perspectiva didática, metodológica, consulte-se: COUTINHO, 2007, p. 119-143; e BIANCHI, 2008, p. 173-190.

⁷ Sobre a formação do conceito de hegemonia no período juvenil e pré-carcerário do pensamento de Gramsci, consulte-se: DIAS (2000).

⁸ Ver a respeito: BIANCHI, 2008, p. 173-198.

significado variável da categoria de hegemonia se coaduna também com o recurso metodológico gramsciano que será explicado a seguir.

Metodologicamente e à luz de Gramsci, o principal aspecto a ser considerado na relação dos temas do gênero e do feminismo com a categoria de hegemonia é a “tradução” ou “tradutibilidade” ou “traducibilidade”. Metaforicamente, Gramsci compara a tradução a um prisma que, ao receber um raio de luz de um lado, refrata-o e produz, do outro lado, vários outros raios. Assim, o prisma representaria, metaforicamente, o conceito de hegemonia de Gramsci, que, ao receber a incidência de um “raio” – ou uma questão específica –, refrata-o, ou seja, o “traduz” em diversas outras questões, passíveis de análise sob o conceito de hegemonia. Ela consiste em recurso que trata a ressignificação das categorias, análises para as devidas particularidades culturais, históricas, sociais, sistemas filosóficos próprios e abordagens teóricas (GRAMSCI, 1975, p. 1428, 2268)⁹. Tal recurso é um ponto caro à elaboração gramsciana. Não somente tal ressignificação acompanha suas diferentes categorias – e hegemonia é um dos casos pertinentes à presente reflexão – como também a forma como recepcionou várias formulações originárias de fontes, autores e contextos teórico-práticos estranhos à sua interpretação do marxismo, como Pareto, Croce, Maquiavel, Sorel, Cuoco, Quinet e Guicciardini. Por outras palavras, toma-se a hegemonia como uma categoria de cunho historicista, coerente com as suas múltiplas possibilidades históricas, inclusive a de suas possíveis manifestações incompletas, como aquela de revolução passiva sobre a qual Gramsci tratou as questões femininas no contexto da nascente hegemonia norte-americana e com a sua própria abordagem de um historicismo

⁹ A “traducibilidade” seria, então, utilizada para evitar um anacronismo entre o pensamento de Gramsci e a categoria de gênero. Como já dito anteriormente na nota 3, o enfoque a respeito de gênero foi formulado, de forma pioneira, por Rubin (1975), em *The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy” of Sex*. Através da “tradução” gramsciana como categoria metodológica, é possível compatibilizar as reflexões de Gramsci sobre a “Questão Sexual” com as temáticas relativas ao escopo do gênero e do feminismo, ou seja, ressignificá-las histórica e culturalmente como questão de gênero; muito embora as reflexões de Gramsci datem de décadas antes dos escritos de Rubin. A hegemonia de Gramsci é capaz de minuciar e expor estruturas políticas, sociais, culturais, ideológicas, classistas e também de gênero contidas em uma “única questão” (MORTON, 2007, p. 114), como teorias convencionais negligenciam ao tratar de hegemonia. Por isso mesmo, e muito embora o próprio Gramsci, assim como vários de seus contemporâneos marxistas, não fosse muito versado nas questões do feminismo de sua época (HOLUB, 1992, p. 189), é possível enxergar nas reflexões do comunista italiano ideias, mesmo que embrionárias, relativas ao que futuramente se constituiria como questão de gênero, ou pertencentes às correntes feministas.

absoluto. Além disso, Gramsci “traduziu” aspectos e análises incompatíveis com o marxismo de distintos autores para seu pensamento, produzindo um todo teórico-prático articulado, ainda que não sistemático, mas robustecido por uma perspectiva que evitava um ecletismo no seu quadro teórico mais amplo. É imperativo nesta reflexão buscar a tradução das questões de gênero para avançar na análise sobre o feminismo e ao gênero sob um viés gramsciano. Isto porque Gramsci não legou um pensamento sistemático sobre o tema na sua obra carcerária.

O texto percorrerá as seguintes etapas: uma caracterização da natureza histórica da categoria gramsciana de hegemonia e sua particularidade na análise do tema da etapa seguinte, qual seja, os temas do gênero e do feminismo em Gramsci sob a rubrica da “Questão Sexual” na sua trajetória e nos seus escritos e cartas. Posteriormente, uma conclusão com os principais argumentos e alguns temas para reflexões futuras.

O HISTORICISMO ABSOLUTO DA CATEGORIA GRAMSCIANA DE HEGEMONIA

Pensar e lutar por uma nova concepção de mundo emancipadora que encampe uma perspectiva feminista sem as tradicionais distinções de gênero sob uma certa ótica dita gramsciana remete a um par categorial recorrente nas interpretações ou no senso comum sobre o autor italiano: hegemonia e “contra-hegemonia”. A ressalva e as aspas são justificáveis a partir de alguns argumentos desenvolvidos a seguir.

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar a complexa natureza das categorias de Gramsci em termos de uma enorme diversidade histórica ou aquilo que permeia boa parte da sua discussão, por outras palavras, o “historicismo absoluto” (GRAMSCI, 1975).

Neste sentido, reduzir o temário da hegemonia a uma antinomia simples seria incongruente com a riqueza que o conceito pode assumir em miríade de distintas apresentações históricas. Ademais, não há na obra carcerária e pré-carcerária gramsciana a categoria de “contra-hegemonia”. Não se trata de sustentar que não se pode tratar de “contra-hegemonia”. O cerne da questão reside na perspectiva metodológica. Por outras palavras,

o ponto não enfrentado pelos intérpretes que se valem da categoria de “contra-hegemonia” é discutir critérios históricos, sociais, culturais que permitam traduzir em chave gramsciana a hegemonia em tais termos.

Outra ressalva significativa na mesma direção contempla o entendimento de que, na diversidade de suas apresentações, a hegemonia está presente em todos os conflitos e ações políticas. Todas as ações nos distintos contextos políticos são aspirantes à consecução ou à manutenção da hegemonia, quando esta última situação for efetivamente o caso. Portanto, seria até redundante mencionar uma “contra-hegemonia”. Mesmo que o indivíduo, grupo, fração de classe ou elite não hegemônica anseie pela hegemonia no momento da ação ou do conflito¹⁰.

Em não havendo um único padrão no que concerne à hegemonia, as várias possibilidades apontariam para formas plenas, em que há força e predomínio do consenso, e formas incompletas, dotadas de menos consenso e mais força. Não há uma fórmula única.

Uma das possibilidades de uma hegemonia incompleta seria uma das categorias mais importantes e complexas dos *Cadernos Carcerários*, a revolução passiva. Tal categoria aparece em três contextos históricos distintos nos *Cadernos Carcerários* com também diferentes ênfases e significados. Ela se refere ao processo histórico posterior à Revolução Francesa na sua fase jacobina, ao processo histórico italiano que envolve o *Risorgimento*, a unificação italiana tardia até o fascismo italiano e à nascente hegemonia norte-americana nos anos 1930. Tal hegemonia estadunidense no seu nascedouro é o contexto mais amplo no qual Gramsci discute “a questão sexual” (GRAMSCI, 2001, p. 239-282).

O exercício normal da hegemonia possui o predomínio do consenso sem prescindir do vínculo orgânico com a força para a direção através da sociedade civil por um grupo ou fração de classe. Uma forma incompleta de hegemonia no que diz respeito à revolução passiva se caracteriza pelo predomínio da força e um processo no qual há a direção da sociedade civil e sim um significativo processo em que predominam a coerção e o

¹⁰ A provável razão da popularização deste conceito está associada ao seu uso pioneiro nos anos 1970 pelo crítico literário Raymond Williams (WILLIAMS, 1977, p. 116). O uso entre aspas pelos motivos já arrolados – como o faz Adam David Morton (2007, p. 92, 95 e 97) – é assim justificado.

Estado. Há um processo de transformação em que algumas concessões são feitas a demandas de classes e grupos subalternos, com a cooptação de alguns setores destes mesmos grupos e classes sem, no entanto, lhe dar qualquer protagonismo no processo político. Ao contrário, a revolução passiva é normalmente marcada por acordos entre novas e velhas classes dominantes que pautam o processo político com transformações de caráter passivizador.

O aspecto paradoxal da revolução passiva é justamente o seu caráter de transformação e de restauração, de revolução e de passivização. Não há o protagonismo dos grupos e classes subalternos neste processo, que ficam à margem do processo decisório e político. Há sim um processo de modernização conservadora, retomando o dizer de Carlos Nelson Coutinho (2005, p. 226)¹¹.

Mostremos a partir de agora o nexos entre a análise gramsciana de revolução passiva com o tema da “questão sexual”.

A “QUESTÃO SEXUAL” NOS *CADERNOS CARCERÁRIOS* NO CONTEXTO DO AMERICANISMO E FORDISMO COMO HEGEMONIA INCOMPLETA

Expor em detalhes a nascente hegemonia norte-americana dos anos 1930 como revolução passiva sob as lentes gramscianas demandaria muito espaço e iria além do escopo planejado deste texto. Importa expor seus principais nexos com a “questão sexual”, tema que deve demandar maior atenção neste tópico.

Toda análise gramsciana em termos de uma revolução passiva é um processo histórico e não somente um momento pontual. Assim como todas as avaliações de processos hegemônicos de um Estado, vai além da mera consideração da importância econômica e militar do Estado referido e analisa as relações sociais fundamentais atinentes a tal processo. Para usar uma expressão do léxico gramsciano, analisa as relações moleculares do processo histórico em questão.

¹¹ Para definição e discussão mais detalhada da categoria gramsciana de revolução passiva, consultar: BIANCHI, 2008, p. 253-297 e 2013; e COUTINHO, 2007, p. 196-202.

Importa explicar que o americanismo (a hegemonia nascente em questão) é termo que designa a sua forma e o fordismo é seu conteúdo, como sustenta Giorgio Baratta (2004, p. 154-155). O fordismo é muito mais que um modelo de gestão. Sumariamente, trata-se de um modo de vida destinado a disciplinar a vida para o trabalho na sociedade norte-americana. Gramsci constata e analisa sua criação e sua nascente ampliação como uma verdadeira concepção de mundo, uma forma hegemônica, ainda que incompleta. Inicialmente um processo dotado de consenso – na medida em busca persuadir operários para o novo modelo com salários mais elevados, diversos direitos sociais, hábil propaganda ideológica e política fazendo-o poupar para consumir, regerar sua vida sexual e em outros aspectos, cultivar horta em casa para fins de economizar, tudo sob a supervisão de assistentes sociais visitantes nos domicílios – e força – a destruição do sindicato de base territorial e toda uma série de proibicionismos; entre eles, aqueles relacionados à bebida alcoólica (GRAMSCI, 2001, p. 247). O primado da busca da disciplina e da força caracteriza também este processo como uma revolução passiva.

Em resumo, como explica Giorgio Baratta (2004, p. 170-171, destaques no original), citando diversos trechos de Gramsci do *Caderno 22*:

Graças à dupla *racionalidade* da ‘composição demográfica’ e do modo *material* de produção (fordismo), a sociedade de massa é caracterizada nos Estados Unidos por uma situação totalmente inédita nas relações entre economia e hegemonia: ‘A hegemonia nasce na fábrica... a *estrutura* domina mais imediatamente as superestruturas e estas são racionalizadas (simplificadas e diminuídas de número [...]). É esta a grande originalidade americana, que produz decisivas conseqüências em diversos níveis, em particular: a) um novo tipo “humano”, no qual se expressa ‘a finalidade da sociedade americana: desenvolver no trabalhador, ao máximo grau, atitudes mecânicas e automáticas, quebrar o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador e reduzir as operações ao mero aspecto físico maquinal’, cuja *caricatura* é sintetizada pela frase de Taylor a respeito do “gorila amestrado [...]”; b) um certo tipo de Estado, como ‘Estado liberal...

no sentido mais fundamental da livre iniciativa e do individualismo econômico que chega com meios próprios, como *sociedade* civil, pelo próprio desenvolvimento histórico, ao regime de concentração industrial e do monopólio [...] e que, justamente por isso, confere ‘ao sistema capitalista uma função de destaque’, diretamente, e portanto economicamente, ao Estado (economia programática) [...]; c) invasão do industrialismo, ou seja, de um espírito ‘público’ e ‘estandardizado’, sobre áreas e territórios da vida social (sociedade civil) e individual, cujo caráter íntimo ou privado ou ‘espiritual’ se costumava defender, pelo menos ideologicamente.

Em tal contexto, Gramsci menciona o ideal estético e modelo de mulher como “reprodutora” e “brinquedo” (GRAMSCI, 2001, p. 250). Menciona também o “tráfico legal de mulheres”, a mentalidade de prostituição para as classes altas por oposição à rígida disciplina dos instintos sexuais e do fortalecimento da família no caso dos trabalhadores. Além disso, Gramsci lembra os concursos de beleza, que mobilizam a atenção de milhares de mulheres inclusive na Itália fascista (GRAMSCI, 2001, p. 264-270).

Em tal quadro, a título de conclusão deste tópico, a transformação da condição feminina vai muito além de qualquer iniciativa no âmbito legislativo ou iniciativa congênere. Requer a transformação da hegemonia em sentido profundo, o que Gramsci denomina de perspectiva ético-civil. Neste sentido, Gramsci analisa a necessidade de tal nova hegemonia e, como contraponto, a situação feminina em vista da nascente hegemonia fordista:

A mais importante questão ético-civil ligada à questão sexual é a da formação de uma nova personalidade feminina: enquanto a mulher não tiver alcançado não apenas uma real independência em face do homem, mas também um novo modo de conceber a si mesma e a seu papel nas relações sexuais, a questão sexual continuará repleta de aspectos mórbidos e será preciso ter cautela em qualquer inovação legislativa. Toda crise de coerção unilateral no campo sexual traz consigo um desregramento ‘romântico’, que pode ser agravado pela abolição da prostituição legal e organizada. Todos estes elementos complicam e tornam difícil qualquer

regulamentação do fato sexual e qualquer tentativa de criar uma nova ética sexual adequada aos métodos de produção e de trabalho. Por outro lado, é necessário encaminhar esta regulamentação e a criação de uma nova ética. Deve-se observar como os industriais (especialmente Ford) se interessavam pelas relações sexuais de seus empregados e, em geral, pela organização de suas famílias; a aparência de ‘puritanismo’ assumida por este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não for também ele racionalizado” (GRAMSCI, 2001, p. 251-252).

Passemos ao tema do feminismo no *Caderno Carcerário 21*.

O FEMINISMO NO *CADERNO 21* E NAS CARTAS CARCERÁRIAS

O temário da emancipação feminina incide sobre o *Caderno Carcerário 21*, revelando antecedentes da atividade militante pré-carcerária de Gramsci, que em meados de 1917 começava a extrapolar os limites da sala de redação da imprensa do Partido Socialista Italiano. Gramsci passou neste período ao papel de promotor de cultura entre os operários. Como revela Giuseppe Fiori (1979, p. 131), considerado o principal biógrafo de Gramsci, que cita um de seus textos:

Companheiros de militância política salientarão posteriormente como dado importante da personalidade de Gramsci esta sua vocação a propaganda das idéias e darão estímulo que dele provinha para que se estudasse, aprofundasse os problemas com método. Gramsci não tinha encargos de direção na seção socialista. De simples militante e jornalista de partido, passou a fazer conferências na periferia de Turim. [...] Uma página de história, um livro recém-publicado, uma peça teatral, tudo lhe fornecia elementos para difundir idéias novas. Em março de 1917 foi apresentada a peça *Casa de Boneca*, no Carignano, com Emma Gramática. Na fria reação do público às vicissitudes de Nora Helmar, que enganada pelo marido o abandona, Gramsci entreviu a revolta do macho latino contra um costume certamente mais avançado, ‘através do

qual a mulher e o homem não são mais apenas músculos, nervos e epiderme, mas essencialmente espírito; onde a família não é mais apenas uma instituição econômica, mas especialmente um mundo moral que se completa pela íntima fusão de duas almas que se encontram uma na outra aquilo que falta a cada uma individualmente; onde a mulher não é somente a fêmea que nutre os recém-nascidos e sente por eles um amor feito de espasmos da carne e sobressaltos de sangue mas é também uma criatura humana por si, que tem consciência de si, que tem necessidades interiores, que tem uma personalidade humana toda sua...' Foi sobre este tema que, em maio de 1917, Gramsci profere uma conferência para o grupo feminino de Borgo Campidoglio.

O trecho em questão retrata várias das experiências de Gramsci como militante que se dedicou a sua concepção de emancipação feminina, dentre várias outras iniciativas para promover um trabalho, usando seu léxico, de “reforma moral e intelectual” entre as classes e grupos menos abastados de Turim. A já citada experiência com a peça teatral *Casa de Boneca* de Ibsen, o seu papel na formação de ideias e da cultura e sua moral contrária aos padrões hegemônicos e identificados com o agrado popular, fazendo associação com a “catarse”. Tal categoria gramsciana (GRAMSCI, 1975, p. 1244) se refere à formação de uma nova consciência, de um novo momento ético-político no qual o homem supera seu caráter passivo, tomando novas iniciativas e constituindo uma nova hegemonia. A peça teatral referida é assim lembrada pelo comunista sardo:

No campo do teatro pode-se observar como toda uma série de dramaturgos, de grande valor literário, pode agradar muitíssimo também ao público popular: *Casa de boneca*, de Ibsen, agrada muito ao povo das cidades, na medida em que os sentimentos representados e a tendência moral do autor encontram uma profunda ressonância na psicologia popular. E, de resto, não poderia ser outra coisa o chamado *teatro de ideias*, ou seja, a representação de paixões ligadas aos costumes com soluções dramáticas que representem uma ‘catarse’ progressista, que representem o drama da parcela moralmente mais avançada de uma sociedade e que expressem o desenvolvimento histórico imanente aos próprios costumes existentes. Estas paixões e este drama, contudo, devem

ser representados e não desenvolvidos como uma tese, como um discurso de propaganda; isto é, o autor deve viver no mundo real, com todas as suas exigências contraditórias, e não expressar sentimentos absorvidos apenas nos livros. (GRAMSCI, 2002, p. 48, destaques no original).

As suas posições também são encontradas em uma carta em particular escrita na prisão em 4 de maio de 1931 e endereçada a sua irmã Teresina. Há um significativo trecho no qual Gramsci mostra preocupação com a sobrinha, Mea, apontando, as dificuldades enfrentadas desde tenra idade. Gramsci (2005b, p. 43) também critica tradicionais construções de gênero por vezes associadas às mulheres, como a “vivacidade de espírito” e “a bondade natural”, bem como a necessidade de educar o educador¹² para superar tais limites:

Recebi sua carta de 28 de abril. Creio que você e Grazietta se equivocaram completamente sobre o significado das observações que fiz sobre Mea. Em primeiro lugar, conheci Mea só em 1924, quando tinha uns poucos anos e certamente não sou capaz de julgar suas qualidades e a solidez destas qualidades. Em segundo lugar, e em geral, evito sempre avaliar quem quer que seja baseando-me no que se costuma chamar de ‘inteligência’, ‘bondade natural’, ‘vivacidade de espírito’, etc., porque sei que tais avaliações têm um alcance bem limitado e são enganosas. Mais do que todas estas coisas me parece importante a ‘força de vontade’, o amor pela disciplina e pelo trabalho, a constância nos objetivos, e neste juízo levo em conta, mais do que criança, aqueles que orientam e têm o dever de fazer com que adquira tais hábitos, sem sacrificar sua espontaneidade. A opinião que formei, pelas palavras de Nannaro e de Carlo, é precisamente esta: no caso de Mea, todos vocês se descuidam de estimular a obtenção destas qualidades sólidas e fundamentais para seu futuro, não pensando que, mais tarde, a tarefa será mais difícil e talvez impossível. Vocês me parecem esquecer que hoje, em nosso país, as atividades femininas enfrentam condições muito desfavoráveis desde os primeiros anos de escola, como, por exemplo, a exclusão das meninas de muitas

¹² Sobre a abordagem gramsciana de educação, consultar: SOARES, 2000; SCHLESENER, 2014 e DEL ROIO, 2014.

bolsas de estudo, etc., de modo que é necessário, na concorrência, que as mulheres tenham qualidades superiores àquelas requeridas dos homens e uma dose maior de tenacidade e de perseverança. É evidente que minhas observações se dirigiam não a Mea, mas a quem a educa e dirige; neste caso, mas do que nunca, me parece que o educador é que deve ser educado.

Voltemos a atenção para o epistolário prisional gramsciano no que tange aos pontos que corroboram o viés tradicional de gênero sobre as mulheres.

GRAMSCI E A HEGEMONIA MASCULINA NAS *CARTAS CARCERÁRIAS*

O caráter humano e contraditório da concretude e da história não poderiam jamais deixar Gramsci na posição de um “profeta infalível”. Neste sentido, há passagens em suas cartas na prisão que são contraditórias em relação a suas posições de uma nova hegemonia coerente com a emancipação feminina. Como é amplamente sabido através de sua mais conceituada biografia (FIORI, 1979), sua condição na prisão era muito ruim e sua saúde piorava sensivelmente. Além, é claro, de estar privado de seus amigos, companheiros de militância e familiares, como a mulher Giulia, os filhos Délío e Giuliano. Este último, nascido após o seu aprisionamento e a quem jamais veio a conhecer, até em função também de sua morte ocorrer logo após a concessão de sua liberdade condicional em 1937. Giulia Schucht, a companheira de Gramsci, violinista de nacionalidade soviética e fugitiva para seu país de origem após o advento do fascismo, era pouquíssimo presente nas cartas em função de doença nervosa da qual era acometida. Isto proporcionava contato mais constante no epistolário com sua cunhada, Tatiana Schucht, e que também sempre ia à Itália interceder em seu favor. Contudo, isto tudo não isenta Gramsci de crítica.

Uma carta datada de 26 de março de 1927 e endereçada a Tatiana contem a seguinte passagem:

Você, como todas as mulheres em geral, tem muita imaginação e pouca fantasia; e mais, a imaginação em você (como nas mulheres em geral) age num só sentido, no sentido que chamaria (veja-a dar um pulo)... protetor dos animais, vegetariano, próprio das enfermeiras: as mulheres são líricas (para usar um tom mais elevado), mas não são dramáticas. Imaginam a vida dos outros (até mesmo dos filhos) unicamente do ponto de vista da dor animal, mas não sabem recriar com a fantasia toda a vida de uma outra pessoa, em seu conjunto, em todos os seus aspectos. (Veja que faço uma constatação, não um julgamento, nem ousou deduzir conseqüências para o futuro; descrevo o que existe hoje). Eis aonde queria chegar. Você sabe que estou aqui, na prisão, num espaço limitado, no qual devem me faltar muitas coisas; e pensa no banho, nos insetos, na roupa de baixo, etc. Se lhe escrevesse que me falta uma pasta de dente especial, por exemplo, certamente você seria capaz de revirar Roma de cima abaixo, de esquecer o almoço e o jantar, de ficar febril; tenho certeza disso. No entanto, você me escreve anunciando uma carta de Giulia; depois volta a me escrever anunciando uma outra; depois recebo uma carta sua (e suas cartas me são muito caras), mas não recebo as cartas de Giulia e ainda não as recebi. (GRAMSCI, 2005a, p. 152).

Note-se que as generalizações sobre os seres humanos criticadas na carta endereçada à irmã Teresina – já citada – aparecem aqui em certo cunho depreciativo sobre as mulheres, ressaltando ser esta carta anterior cronologicamente àquela. O próprio entendimento do dinamismo histórico de aspectos componentes da hegemonia como visão de mundo se incompatibilizaria com tal juízo. Afinal, sob tal lógica, não se poderia conceber um ser humano dotado de uma natureza única, imutável e generalizadora para todo e qualquer período histórico.

Em carta posterior a Tatiana, de 23 de março de 1931, Gramsci (2005b, p. 30-31) evoca Cielo D'Alcamo, poeta da primeira metade do século XIII, citando os versos 31-32 de *Contrasto*, um diálogo poético entre um homem e sua mulher amada:

Mas Carlo me informou que você não botou nenhuma ordem em sua vida material: come quando bem entende e às vezes esquece, etc. Isto me parece um procedimento errado de sua parte, já que estava resolvida a regular sua alimentação para fazer uma reserva física de forças que lhe permitisse viajar até Moscou. Eu tinha acreditado em suas promessas e agora lamento ter acreditado em você; quer dizer que fui ingênuo, ingênuo como um dos primeiros poetas italianos, que escreveu: São muitas as mulheres que têm a cabeça dura, Mas a palavra do homem as domina e censura.

Por fim, mas não menos importante, uma carta a sua companheira Giulia de 28 de novembro de 1932 na qual menciona o filho Giuliano (Julik), com o seguinte teor:

Li com interesse suas observações sobre o espelho e sobre Julik, que gosta de se observar, mas meu interesse foi suscitado pelo fato de que seu argumento é ingênuo e candidamente 'feminino'. A verdadeira quintessência da feminilidade. Porque ver no espelho só um instrumento de narcisismo é próprio só das mulheres. Eu sempre tive um espelho; caso contrário, como poderia me barbear? Suas observações estão erradas de cabo a rabo e indicam um modo de pensar atrasado, anacrônico e... terrivelmente perigoso. Com este seu mesmo estado de espírito, negativo e puramente reativo a certas degenerações psicológicas, o operário quebra a máquina, o funcionário faz o serviço de qualquer jeito, etc. Parece que não há nada errado (pelo contrário) se Julik não quer meias furadas. Por que deixar as meias furadas, se é possível remendar? Parece-me que você confunde os meios com o fim, não sabe adequar os meios aos fins, isto é, não sabe quais são seus fins práticos, imediatos, dispostos em cadeia de modo a passar de um elo a outro, progressivamente. Há sempre um fundo 'genebrino' em seu espírito, e este fundo é a causa considerável de seu mal-estar psíquico e também, portanto, de seus males físicos. Há algo contraditório em seu íntimo, um dilaceramento, que você não consegue sanar, entre a teoria e a prática, entre o consciente e o instintivo. Não acha? (GRAMSCI, 2005b, p. 268).

A associação proposta por Gramsci como própria das mulheres – aquela de olhar-se no espelho como parte do nexo de um raciocínio equivocado e fora da realidade (“genebrino” talvez se referindo às idealizações de Rousseau) – que reforça uma construção de gênero que em nada se assemelha às proposições emancipadoras da mulher formuladas por Gramsci. Os pontos característicos das mulheres na proposição de Gramsci acima reproduzida reforçam, assim como outros trechos citados neste item, os aspectos de gênero da hegemonia existente que inclui em tal concepção de mundo, entre outros pontos, um papel mórbido (para usar o linguajar gramsciano). Confinar certas características às mulheres, como sugere Gramsci, depõe contra, entre outros pontos, seu historicismo absoluto que primaria pela caracterização social e concreta das mulheres.

O conteúdo das cartas carcerárias evidencia uma realidade destoante das ideias propostas por Gramsci sobre a “Questão Sexual” e a importância da liberdade feminina para uma nova hegemonia. A relação entre o autor italiano e as irmãs Schucht, revelada pelas cartas – e também por aquelas de Tatiana e Giulia recebidas e não publicadas, conforme a análise de Teresa de Lauretis (1987, p. 86) -, é incompatível com o proposto pelo próprio autor no *Caderno 21*. Isto porque, Gramsci, embora demonstrasse preocupação com questões referentes ao gênero, se submeteu à hegemonia masculina que criticava. Por esse motivo, as mulheres em sua vida assumiram apenas papéis e personalidades cabíveis às mulheres ocidentais da época. Eugenia, a mais velha, desempenhou o papel masculino de ativista político e chefe de família ao permanecer em terras soviéticas e cuidar da caçula enferma. Tatiana incorporou a mística feminina da caridade ao dedicar e sacrificar 12 anos de sua vida a Gramsci. A Giulia restou o papel de abnegação e loucura. Para as três irmãs Schucht, Gramsci se transformou no centro de seus mundos emocionais e representou o perfeito modelo patriarcal da hegemonia vigente (LAURETIS, 1987, p. 87-89).

Fica nítido, assim, que a vida privada de Gramsci, exposta nas cartas carcerárias desprezadas pela historiografia oficial (LAURETIS, 1987, p. 86), contradizia o que o próprio autor propunha sobre a “Questão Sexual” no *Caderno 21* sobre a importância fundamental da questão feminina na construção de uma nova perspectiva ético-civil. Por submeter-se à

hegemonia masculina, embora a criticasse, Gramsci reproduz um viés de gênero incoerente com a sua proposição alternativa de uma nova hegemonia das classes e grupos subalternos, com um novo papel destinado à mulher aí incluso.

Feitas tais análises, passar-se-á às reflexões finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto foi explorado o argumento de que na obra carcerária gramsciana são encontradas as proposições contraditórias entre si da proposição de uma nova hegemonia ou concepção de mundo que inclui a emancipação feminina e a emissão de juízos que reforçam as tradicionais construções de gênero no contexto de uma hegemonia masculina.

Conforme ressalta Adam Morton (2007, p. 35), a contribuição de Gramsci não pode prescindir de sua falibilidade e humanidade e tampouco o nosso autor pode ser visto como uma espécie de profeta. Os limites de sua obra foram por ele mesmo manifestados, uma vez que tinha a intenção de revisar profundamente seus escritos carcerários. Considerando seu efetivo legado, vários temas não foram sistematizados e completados, entre eles o tópico da “questão sexual”.

Ao mesmo tempo em que tal incompletude encerra dificuldades e limites, ela pode expressar também um enorme potencial se se considerar as possibilidades de aplicação das categorias gramscianas com os devidos cuidados metodológicos. Neste caso, remete-se ao tema da tradução gramsciana. Pode-se e deve-se pensar as incompletudes e lacunas referentes a tais limites à luz de tal recurso metodológico refletido pelo próprio Gramsci. Inclusive com vistas à formulação a respeito da particularidade feminina tanto na avaliação histórica quanto na proposição de uma hegemonia emancipadora dos grupos e classes subalternos que coloque em especial relevo as mulheres.

No mais, aprofundar o caráter da formulação gramsciana sobre a “questão sexual” demandaria não somente uma análise mais pormenorizada

de suas notas de seus cadernos, como também as fontes e contexto histórico que levaram Gramsci a refletir em tais termos sobre o tema em pauta.

REFERÊNCIAS

- BARATTA, G. *As rosas e os cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BIANCHI, Á. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.
- BIANCHI, Á. Revolução passiva: o pretérito do futuro. In: BIANCHI, Á. *Arqueomarxismo: comentários sobre o pensamento socialista*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 151-185.
- COUTINHO, C. N. A ‘imagem do Brasil’ na obra de Caio Prado Júnior. In: COUTINHO, C. N. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 221-241.
- COUTINHO, C. N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DEL ROIO, M. A educação como forma de reprodução da hegemonia e seu avesso. In: SCHLESENER, A. H. (org.). *Filosofia, política e educação: leituras de Antonio Gramsci*. Curitiba: UTP, 2014. p. 137-164.
- DIAS, E. F. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.
- FIORI, G. *A vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FRANCIONI, G. *L’Officina Gramsciana: ipotesi sulla struttura del “Quaderni del carcere”*. Nápoles: Bibliopolis, 1984.
- GALASTRI, L. O. Breves considerações sobre a questão sexual em Gramsci e Marcuse. In: SEMINÁRIO CIENTÍFICO TEORIA POLÍTICA DO SOCIALISMO, 3., 2009, Marília. *Anais [...]* Marília: UNESP, 2008/2009. v. 1, p. 1-18.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 6.
- GRAMSCI, A. *Cartas do cárcere (1926-1930)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a. v. 1
- GRAMSCI, A. *Cartas do cárcere (1931-1937)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b. v. 2
- GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1975.

HOLUB, R. In lieu of a conclusion: Gramsci, feminism, Foucault. *In: HOLUB, R. Antonio Gramsci: beyond marxism and postmodernism.* New York: Routledge, 1992. p. 185-197.

LAURETIS, T. Gramsci notwithstanding: Or, the Left Hand of History. *In: LAURETIS, T. (org.). Technologies of gender: essays on theory, film and fiction.* London: Macmillan, 1987. p. 84-94.

MORTON, A. D. *Unravelling Gramsci: hegemony and passive revolution in the global political economy.* London: Pluto Press, 2007.

RUBIN, G. The traffic in women: notes on the “Political Economy” of sex. *In: REITER, R. R. Toward an anthropology of women.* New York: Montly Review, 1975. p. 157-210.

SCHLESENER, A. H. (org.). *Filosofia, política e educação: leituras de Antonio Gramsci.* Curitiba: UTP, 2014.

SCOTT, J. W. Gender as a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, Oxford, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec. 1986.

SOARES, R. *Gramsci, o Estado e a escola.* Ijuí: Unijuí, 2000.

WILLIAMS, R. *Marxism and literature.* Oxford: Oxford University Press, 1977.